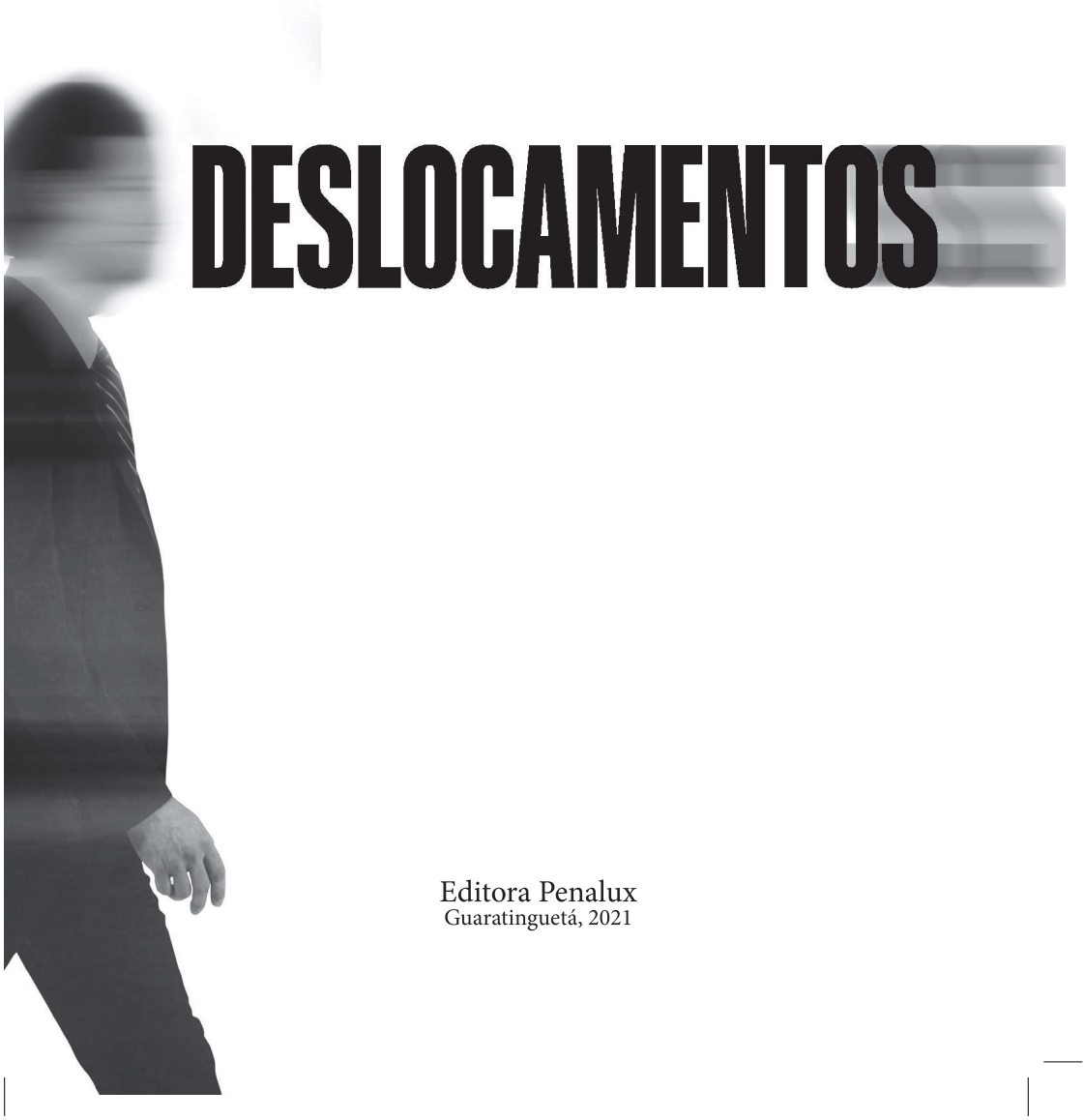
Carlos Nogueira



DESLOCAMENTOS

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

Deslocamentos

Quando me perguntam de onde sou, sempre paro pra pensar. Se a pergunta parte de um formulário, daqueles burocráticos, é simples: querem a resposta burocrática também, a que consta no documento — Aracaju. Foi ali que vim ao mundo, no ano de 1988. Está tudo anotado. Tenho certeza: sou sergipano.

Mas a trama vai se complicando conforme o grau de intimidade. Para as pessoas com mais proximidade, arrisco respostas mais complexas. É que as primeiras memórias que tenho da vida são em Luanda, na Angola, ao lado da mãe. E lembranças são um tipo de documento também, que a gente plastifica dentro da cabeça. Logo, não há dúvida: sou angolano. Lá foi onde nasceu o meu pensamento.

Em seguida, voltei ao Brasil: fui pra Goiânia. Ali conheci o pequi, meu fruto favorito. Também foi onde conquistei o "r" de meu sotaque, emblema que causa reconhecimento imediato quando encontro alguém de lá. Daí podemos ficar horas falando sobre coisas que só fazem sentido para nós: o perigo de morder pequi; o periquito que tá roendo o coco da guariroba; os rolês de skate no Niemeyer; o samba no Glória; o rock no Martim... Conhecer esses *trem tudo* é o que me faz goiano.

Floripa — vou chamar pelo apelido que é pra ostentar intimidade — foi a última estação. Até tentei aprender a surfar, o que não deu muito certo. Na primeira tentativa, montei as quilhas da prancha ao contrário e fiquei horas remando sem sair do lugar — logo eu, que andei tanto pra chegar até aqui.

Mas também peguei outras ondas. Numa delas, descobri o que mais gosto de fazer, que é escrever. E descobertas assim enchem a nossa vida de... vida. São um tipo de nascer. Tanto que até tenho marca de nascença: a primeira tatuagem, feita logo quando cheguei na cidade. Portanto, sou catarinense também.

Como se não bastasse, já, tantos nascimentos, por estes dias dei entrada na papelada para a cidadania portuguesa, vínculo que descobri há pouco tempo. Mais uma gravidez em curso.

É por isso que quando me perguntam de onde sou, a vontade mesmo é responder com outra pergunta: "Sobre qual de mim quer saber?".

Reencontro

Depois de rodar quase 4 mil quilômetros, finalmente estávamos chegando. A ansiedade fazia as pernas de meu pai tremerem, fato que ele tentava camuflar em meio ao balançar do ônibus. Tudo para eu não perguntar se estava nervoso. É que para ele, "homem à moda antiga", o simples ato de confessar fragilidades causa desconforto.

Eu sabia, pois o conhecia bem. Há 31 anos. Um pouco menos que os 40 que marcavam o último encontro dele com o meu tio, seu único irmão de pai e mãe. E foi justamente para encurtar tal distância cronológica que partimos, de ônibus, de Florianópolis a Sobral, sertão do Ceará.

O reencontro virtual aconteceu meses antes. Perfis no Facebook permitiram que vissem novamente os rostos jovens de outrora. Vozes foram agregadas às imagens e, durante as intermináveis ligações, cada um pôde confirmar que as histórias da própria infância e adolescência não eram delírios moldados pelo tempo. Isso porque, com o passar dos anos, o desbotamento das memórias faz com que esqueçamos de seus contornos originais. Nada melhor que um cúmplice para auxiliar-nos a reconstruí-las.

Mas 40 anos é muita coisa. Além dos contornos, o tempo também havia corroído o tecido do qual as memórias eram feitas. Apenas uma restauração minuciosa poderia resolver. Meu pai embarcou na viagem, crente de que, como uma máquina de costurar memórias, o ônibus com destino ao sertão traria de volta os melhores de seus anos.

Passou a viagem inteira pensativo. Talvez por isso prefira as quatro rodas ao avião: para privilegiar a reflexão. Assim as asas ficam reservadas às ideias.

Alados, os pensamentos atingiam grande amplitude. Devia estar se perguntando por qual razão não procurou o irmão antes, ou então como teria sido a vida caso tivesse permanecido no sertão. Devaneios há muito não acessados, talvez silenciados dentro de um baú, ou tratados à base de 51, que é o psicanalista dos homens como ele, à moda antiga.

Logo na chegada à rodoviária, o primeiro sinal de que estávamos em família. O terminal fora batizado em homenagem a um primo nosso. Senti uma pequena carícia, daquelas típicas das cidades de interior. Mas aquilo ainda não era nada, se comparado ao abraço que estava por vir.

Descemos do ônibus. Meu pai estava a apenas cinquenta metros de distância do que seria a maior emoção das últimas décadas: reencontrar o irmão. Sorrisos largos. Passos firmes, um em direção ao outro. No contato, lágrimas de ambos os lados. Com tanta água salgada, finalmente entendi a profecia de Antônio Conselheiro. A que diz que um dia o "sertão vai virar mar".

E naquele momento virou.

Visita ao Ceará

Tomando emprestadas as palavras do poeta Patativa do Assaré, "eu sou filho do Nordeste, não nego meu naturá". Um filho que, em resposta às circunstâncias da vida, saiu de casa cedo: mas que nem por isso deixou de ser de lá.

Se averiguassem minhas origens, veriam que eu sou um cearense-angolano. Morei em Angola na infância, e o Ceará só fui conhecer depois de adulto. Aliás, não sei se "conhecer" é a palavra certa. Isso porque eu já me sentia íntimo dali antes mesmo de visitar.

Apesar dos quilômetros de distância, cresci ouvindo sobre o estado. Foi assim que descobri a imponência do Theatro José de Alencar, a tradição literária cearense, e a cidade de Sobral — que entrou para a história da ciência em 1919, após sediar o observatório no qual a equipe de Einstein comprovou a Teoria da Relatividade. Tudo isso ouvi por meio da voz cearense (e sobralense) de meu pai.

Mas o primeiro contato é o que nos marca, e comigo ele aconteceu por meio do estômago, ou do bucho, como se diz por lá. Com isso não me refiro ao cuscuz com leite, tapioca com manteiga de garrafa ou paçoca de carne-seca com farinha, que também conheço de longa data. Falo é da dor que

surge no bucho quando a gente ri demais: coisa que painho sempre foi especialista em provocar.

Todos sabem que o humor cearense tem representantes ilustres. Quando ainda nem se falava em comédia de *stand-up* no Brasil, Chico Anysio já lotava (com pessoas e risos) o grande auditório Carnegie Hall, em Nova York. Isso sem mencionar Tom Cavalcante, Renato Aragão, e muitos outros. Com tantos exemplos, quando finalmente visitei o estado, não pude deixar de conferir se o fenômeno era restrito à prática profissional.

Fiquei pouco surpreso ao perceber que não. O tio Vicente, por exemplo, também é cheio de "molecagem". Da mesma maneira que o meu pai, ele tem o dom de brincar com tudo, até com as angústias. É como se, fiel à origem da palavra humor — que vem do latim *humore*, e significa "líquido" — o cearense dissesse: deixe fluir, logo vai passar... Postura que combina com um povo que não esmorece diante dos obstáculos.

Aquele velho ditado deve estar certo — rir é o melhor remédio. Vai ver por isso eu voltei de lá me sentindo bem mais feliz que antes. Mas além de um recurso disponível a todos, rir no Ceará é lei. Isso porque, há alguns anos, foi aprovado um projeto reconhecendo o humor como patrimônio cultural cearense.

Mais do que confirmar o que eu já conhecia, visitei o único estado do Brasil onde ser ranzinza é ilegal.

www.editorapenalux.com.br

carlosmrnogueira@gmail.com

@carlosnogueira88

https://linktr.ee/carlosmrnogueira

Livros iluminam

Composto em Minion Pro e
impresso em Pólen Soft 80g/m²
em São Paulo para Editora Penalux,
em dezembro de 2021.